

O menino sem imaginação

CARLOS EDUARDO NOVAES

Ilustrador: VILMAR RODRIGUES

O texto ficcional desta obra é o mesmo das edições anteriores

O menino sem imaginação

© Carlos Eduardo Novaes, 1993

Conforme a nova ortografia da língua portuguesa

DIRETOR EDITORIAL · Fernando Paixão

EDITORA · Gabriela Dias

EDITORES ASSISTENTES · Carmen Lucia Campos e Fabricio Waltrick

APOIO DE REDAÇÃO · Pólen Editorial e Kelly Mayumi Ishida

COORDENADORA DE REVISÃO · Ivany Picasso Batista

REVISORA · Camila Zanon

ARTE

CAPA · Exata

PROJETO GRÁFICO · Tecnopop

EDITORA · Cintia Maria da Silva

ASSISTENTE · Ana Paula Fujita

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA · Processo de Criação e Exata

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS · RJ

N815m
13.ed.

Novaes, Carlos Eduardo, 1940-

O menino sem imaginação / Carlos Eduardo Novaes ;
ilustrações Vilmar Rodrigues. - 13.ed. - São Paulo :
Ática, 2008

152p. ; il. - (Sinal aberto)

Apêndice

Inclui bibliografia

Contém suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-10658-5

1. Televisão - Aspectos sociais - Literatura
infantojuvenil. 2. Literatura infantojuvenil. I. Rodrigues,
Vilmar, 1931. II. Título. III. Série.

06-3020.

CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 10658-5 (aluno)

ISBN 978 85 08 10659-2 (professor)

2011

13ª edição, 6ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática · 1995

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061

www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional – atendimento@atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



O desafio de sonhar

Já pensou se você estivesse assistindo a um jogo da Seleção Brasileira na Copa do Mundo e, de repente, o canal saísse do ar? Ou pior, **todas as emissoras de TV saíssem do ar**? Pois é isso que acontece com Tavinho, um menino viciado em televisão.

Depois que um **estranho fenômeno** provoca uma pane no sistema de telecomunicações, o Brasil inteiro fica sem TV por tempo indeterminado. A confusão, claro, é geral. O país todo está de pernas pro ar, e com a família de Tavinho não é diferente. Na sua casa quase todos são completamente dependentes da televisão. Até a empregada passa a errar no tempero da comida desde que fica sem assistir novela. E Tavinho então? Está desesperado... Só ele tem **três aparelhos** de TV no quarto, que ficam ligados ao mesmo tempo o dia inteiro. E eles têm até nome — Babá, Plim-Plim e Fantástica!

Reaprender a viver sem seu vício não é nada fácil. **De tanto assistir à TV, Tavinho acabou sem imaginação**. Ele não consegue entender como seus amigos imaginam coisas com tanta facilidade. Para o garoto é impossível ter uma ideia própria e não copiar uma que já tenha visto na telinha. É aí que ele se dá conta da falta que a imaginação faz.

Acompanhe a seguir a **busca do menino pela fantasia e pelo sonho** que existem dentro de cada um de nós. E, no fim do livro, leia uma entrevista exclusiva com o autor Carlos Eduardo Novaes!

Não perca!

- *O vício em televisão do povo brasileiro.*
- *A importância da criatividade na vida.*



À minha irmã, que, com suas ideias,
sua imaginação e seu vocabulário,
me ajudou a escrever este livro.

Tavinho

I

É

verdade: não tenho imaginação e não ligo a mínima para isso. Minha mãe não tem emprego; minha tia não tem marido; meu avô não tem carro; minha irmã não tem peito; meu pai não tem telefone celular; o cego Raiban não tem visão. Sempre falta alguma coisa às pessoas e nem por isso elas parecem de mal com a vida. Maria, a empregada, não tem estudo e não conheço ninguém mais alegre do que ela.

A falta de imaginação não me faz diferente dos garotos da minha idade. Ela não está à vista como a falta de cabelo ou de uma perna e ninguém que me veja na rua ou na escola poderá dizer: “Lá vai um menino sem imaginação!”.

Tenho memória, isso eu tenho; não sou desmiolado feito muita gente; tenho inteligência, rapidez de raciocínio e, mais que tudo, capacidade de observação, mas não há jeito de criar e combinar imagens na minha telinha interior.

Li uma vez que imaginação “é a aptidão para representar objetos ausentes e combinar imagens”. Sou capaz de desenhar e descrever objetos ausentes, desde que já tenha visto eles antes. Se disserem: “Desenhe um



espelho”, vou no arquivo da minha memória e reproduzo ele direitinho no papel. Se tiver, porém, que desenhar alguém entrando num espelho, que nem minha irmã disse que aconteceu com Alice, eu não consigo porque nunca vi e não sei como uma pessoa pode atravessar um espelho.

— Como é isso, mana?

— É só imaginar — disse ela, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Liguei minha telinha interior e apareceu uma cena familiar: minha imagem refletida no espelho do armário do quarto, que é onde vejo se estou arrumado para sair.

— Agora imagine que o espelho tenha ficado macio feito gaze — ela repetia o texto de Alice — , assim será possível atravessá-lo...

Não sei como é um espelho “macio feito gaze”. Para mim todo espelho é feito de vidro metalizado que reproduz as coisas colocadas diante dele. Mas mesmo que quisesse atravessar não poderia porque — para meu espanto — eu já estava do lado de lá, ou seja: só havia minha imagem no espelho.

— Se sua imagem está refletida — disse ela —, você *tem* que estar na frente do espelho!

— Mas não estou!

Minha irmã reagiu incrédula e brincou:

— Talvez a câmara da sua telinha interior esteja muito fechada e só tenha enquadrado sua imagem no espelho.

Minha cabeça fez um clique, como se fosse um projetor, e passou para outro *slide*: agora eu podia

“ver” o quarto quase todo, a porta do espelho aberta, mas ainda assim eu continuava fora da telinha. Descrevi a cena para minha irmã.

— Deixe de bobagem, Tavinho. Todo mundo pode se ver.

— Mas eu não consigo!

— Somos nós quem comandamos nossa imaginação! Se quiser posso aparecer na minha telinha de várias maneiras diferentes!

Surpreendi-me:

— Você quer dizer em uma única imagem? — perguntei.

— Claro! Estou imaginando agora minha turma fazendo prova e imagino que toda ela tem a minha cara.

— Como assim?

— Não sou uma: eu sou várias. Experimente se imaginar assim...

Novamente liguei a telinha da imaginação e “vi” minha turma do colégio na sala de aula. Estavam todos lá com suas respectivas caras, menos eu que não tinha cara, nem corpo, nem nada: minha carteira estava vazia. “Vi” a turma na telinha como se eu estivesse de pé na frente da sala de aula.

— E então? — perguntou a mana.

— Acho que não fui à aula nesse dia — brinquei.

— Pois eu estou sentada em todas as carteiras, com roupas e cabelos diferentes.

Era difícil de acreditar. Quando a mana começou a falar pensei que estivesse dividindo sua tela interior em quadrinhos, como vejo às vezes na tele-

visão. O que ela fez, no entanto, ia mais longe. Era algo que a televisão com toda a sua tecnologia seria incapaz de reproduzir.

Desisti de tentar me “ver”. Definitivamente eu não conseguia aparecer na minha telinha a não ser, é claro, em imagens retidas na memória, de filmes, fotografias e situações diante do espelho.

Na época não suspeitei que essa minha impossibilidade estivesse ligada à falta de imaginação.



Descobri que não tinha imaginação no dia em que a professora pediu à classe para desenhar uma galinha.

Quem já tinha encontrado uma galinha antes só teve o trabalho de “colar” da memória. Mas, e quem nunca tinha visto um bicho desses? A professora sugeriu que usássemos a imaginação em cima de algumas informações.

— A galinha é uma ave pequena — disse ela —, asas curtas, bico recurvado, dois pés, uma crista carnuda e recoberta de penas. Vamos ver quem é capaz de imaginar!

Acionei minha telinha e foram surgindo imagens guardadas na memória: um bico de tucano, duas asas de anjo, dois pés de pato e um espanador cheio de penas na crista de uma onda. Não é possível, pensei, que juntando todas essas coisas apareça uma galinha.

Eu já tinha comido galinha, mas aos pedaços, e não me lembro de ter encontrado entre eles os pés, o bico, a crista nem as penas. Não tinha memória dessas partes. Ao “rever” na telinha a imagem da travessa com a galinha, localizei as asas, que não gosto de comer.



Juntei as asas com as coxas e o pescoço, mas não deu certo. Tornei a reunir as coxas com o peito, cobri com as penas do espanador e aí surgiu um bico na telinha: só que um bico de mamadeira.

A turma toda já tinha entregue seus desenhos e eu continuava quebrando a cabeça para conseguir combinar as imagens. Para não entregar a folha em branco, então, resolvi desenhar um galeto que sempre vejo assando na porta da padaria. A professora olhou curiosa e perguntou o que era aquilo.

— Uma galinha morta! — respondi.

Ela elogiou minha inteligência e disse que eu tinha muita imaginação.

Em casa todos também acham que sou um garoto cheio de imaginação. Mamãe vive afirmando que “Tavinho é muito criativo e quando crescer vai ser um artista”. Ela diz isso porque me vê desenhando naves espaciais e seres de outros planetas. Ela só não sabe que copio tudo da televisão.

— Que você está desenhando, filho?

— Um androide!

Mamãe pega o papel e sai orgulhosa pela casa:

— Vejam! Não é incrível? Desenhar um androide nessa idade! Fantástica a imaginação desse menino!

Nunca contei a ninguém que não tenho imaginação. Para falar a verdade, vivo muito bem sem ela: a televisão imagina tudo por mim.

